

A GEOGRAFICIDADE NO CAMINHAR DE PEREGRINOS

The geographicity on the pilgrim path

José Arilson Xavier de Souza¹

RESUMO

O presente artigo, fundamentado na concepção dardeliana de geofricidade, discute o caminhar de peregrinos. A peregrinação é tratada como parte essencial do existir dos homens religiosos que a praticam, não se desvinculando da geografia do dia-a-dia. Com efeito, o ato de peregrinar é entendido como uma manifestação extraordinária da relação do homem com a Terra. Baseados em depoimentos de peregrinos da Romaria do Bonfim – Natividade-TO –, quando no exercício de suas experiências religiosas, textos com tom poético são apresentados e contextualizados como reinterpretações dos arranjos da pesquisa.

Palavras-chave: Peregrinação. Caminhar. Geofricidade.

ABSTRACT

This article, reasoned on the Dardelian conception of geography, discusses the pilgrims' journey. The pilgrimage is treated as an essential part of the existence of the religious men who practice it's not being detached from the geography of the day to day. In fact, the act of pilgrimage is understood as an extraordinary manifestation of man's relation to the Earth. Based on testimonies from pilgrims from the Romaria do Bonfim – Natividade-TO –, when in the exercise of their religious experiences, texts with poetic tone are presented and contextualized as reinterpretations of the research arrangements.

Keywords: Pilgrimage. Walk. Geographicity.

¹ Professor Adjunto do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís-MA. arilsonxavier@yahoo.com.br.
✉ Cidade Universitária Paulo VI, Cidade Operária, São Luís, MA. 65065000.



INTRODUÇÃO

Por meio do caminhar em peregrinação é exteriorizado um traço da geograficidade do homem religioso: um modo de ser-e-estar-no-mundo. Esse é um postulado pelo qual se fundamenta este trabalho, se desdobrando em uma série de outras reflexões. A peregrinação é compreendida como uma prática cultural reveladora de um projeto de vida social e constituidora de uma **geografia** que não se limita ao âmbito dos itinerários simbólicos percorridos.

Ao debater sobre o fenômeno da peregrinação, busco ensaiar reflexões que o relacione com a noção de “geograficidade” proposta por Eric Dardel. Circunscrito pela minha subjetividade, eis um desafio que compartilho com os demais interessados pelo tema, sejam pesquisadores ou não. Para além da ciência, o melhor diálogo estabelecido é conseguido com os peregrinos, homens que, na prática, nos ensinam muito a respeito da vida. Quem também nos ensina algo relevante é Dardel (2011), quando diz que a geografia é uma disciplina de interpretação na qual a **verdade** dos homens não pode ser fruto de puras objetivações científicas, sendo necessário reconhecer ainda a verdade de onde parte o geógrafo.

A Romaria de Nosso Senhor do Bonfim, festa católica que acontece no município tocantinense de Natividade, Norte do Brasil, é o meu ponto de partida. Corresponde ao **campo empírico** da pesquisa de doutorado que desenvolvi por meio do programa de pós-graduação da UERJ, orientado pela professora Zeny Rosendahl, finalizada com o título “Espaços de peregrinação: ver e sentir o sagrado na Romaria de Nosso Senhor do Bonfim – TO” (SOUZA, 2017)². Parto do depoimento de peregrinos, entrevistados no tempo festivo, quando em repouso do

² Caso haja interesse sobre aspectos específicos da **Romaria do Bonfim**, sugiro ver o trabalho. Aqui não tenho a preocupação de me estender a respeito.

exercício de suas experiências religiosas de caminhada, interpretando-os como narrativas de vida e dando-lhes um caráter poético. Parto ainda da contribuição dos autores que referencio enquanto pensadores dos principais direcionamentos humanos indicados no estudo.

Na tese, busquei interpretar os sentidos espaciais das práticas de peregrinações que se configuram no tempo em que estudei a Romaria – de 2013 a 2016 –, me detendo com maior profundidade sobre as peregrinações a pé. Compreendi, por assim dizer, uma espécie de **geografia das peregrinações**, e defendi que esta é essencialmente cultural, de raiz social, implicando em uma experiência física e simbólica. Neste cenário, o ato da promessa feita à santidade ganha atenção especial. Analisar os significados dos espaços de peregrinação na vida dos homens religiosos parece requerer a compreensão dos benefícios imaginados para a vida terrena e/ou para **outra vida**. As peregrinações são, de fato, formas culturais, e espaciais, codificadas da vida dos peregrinos. As suas histórias de vida nos dão os sinais para a interpretação de tais arranjos espaciais. Logo, interpretar como os peregrinos sentem o espaço e o que sentem ao peregrinar se torna valioso.

Penso que a peregrinação deve ser investigada a começar pelos modos como é descrita pelo próprio peregrino, cujas revelações tendem a expressar experiências espaciais por meio das quais a consciência geográfica é despertada. **Qual o sentido de caminhar em peregrinação** foi o questionamento que utilizei para iniciar as entrevistas com os peregrinos, e daí em diante o meu poder de interpretação crescia à medida que surgiam novas questões sobre as relações que uniam aqueles homens aos espaços de peregrinação do Bonfim.

Sem a mínima pretensão de esgotar os saberes de um universo religioso tão complexo feito a Romaria do Bonfim, cumpre elucidar que

A geograficidade no caminhar de peregrinos
José Arilson Xavier de Souza

em um dos subcapítulos da tese, naquele que considero o seu ponto alto – “Ver e sentir o sagrado no caminhar de peregrinos do Bonfim: vida e fé por meio do pé” – tratei com seis depoimentos que julguei os mais representativos dentre aqueles com os quais me deparei, contextualizando-os como reinterpretações dos arranjos da pesquisa.

E nesta comunicação, que é parte de tal subcapítulo, três desses casos são apresentados. Entre conhecimentos teóricos e empíricos, a discussão está dividida em duas seções principais: 1ª) “Geograficidade e peregrinação: vida e fé por meio do pé” – proposições e investimento teórico necessário; 2ª) “Caminhar, e em peregrinação religiosa” – desdobrada em “Escritos sobre o Caminhar de peregrinos do Bonfim-TO”.

GEOGRAFICIDADE E PEREGRINAÇÃO: VIDA E FÉ POR MEIO DO PÉ

"Uma vez em pé, o homem não consegue ficar parado."

Frédéric Gros

O espaço ganha em expressão quando o homem deixa o repouso. O movimento, neste sentido, significa continuidade da vida, exercício pelo qual o homem imagina, redimensionando as direções a seguir de acordo com as suas inquietações, sonhos e possibilidades (CLAVAL, 2010). “A existência é **movimento**, ela inicia um modo de presença na Terra” (BESSE, 2011, p.120, destaques no original). O espaço, por sua vez, se apresenta e se estrutura por meio de perspectivas sociais e culturais, de modo que “transita entre o Homem e a Terra uma **interpretação**, uma estrutura e um ‘horizonte’ de mundo” (DARDEL, 2011, p.47, destaques no original). Uma vez **em pé**, o homem tem a sua geograficidade potencializada.

Remetemo-nos logo a definição central de geograficidade proposta e fundamentada por Dardel (2011, p.1-2, destaques no original) na obra “O Homem e a Terra – natureza da realidade geográfica”, para quem esta seria uma espécie de:

[...] geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma **geograficidade** (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino.

Antes de ser lida como conhecimento, a geografia é proposta como ato humano. Antes de ser tido como objeto, o espaço geográfico é entendido por Dardel como base na qual se desenvolve a existência do homem. Para o autor, “a ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” (DARDEL, 2011, p.33). Ora, a realização do homem não ocorre se não por meio dos seus movimentos, diários ou eventuais. É pertinente conhecer a trama de significados desses movimentos.

Tim Cresswell e Peter Merriman (2011), na obra “*Geographies of mobilities: practices, spaces, subjects*”, afirmam que os espaços não são somente contextos, eles também são produzidos ativamente pelo ato do movimento. Desse modo, provocam os estudos geográficos a tratarem dos mundos que se formam a partir do e no movimento humano, e sugerem que é preciso pensar nos processos em curso neste tempo. Os autores ainda nos instigam para que entendamos o espaço, o lugar e a paisagem como “verbos” em vez de substantivos.

No universo de movimentação do homem para a (re)construção de si, e conseqüente dotação de significados aos espaços transitados,

A geografcidade no caminhar de peregrinos

José Arilson Xavier de Souza

nos reportaremos especificamente ao fato extraordinário das peregrinações a pé realizadas por homens religiosos no âmbito do catolicismo popular.

Quais imagens surgem à mente quando escutamos ou pronunciamos as palavras peregrinação e peregrino? [...] São, em todo caso, expressões que sugerem movimento no espaço. Antes de estudar sobre o tema, a imagem mais presente para mim era a de um religioso caminhando pelos campos em direção a um determinado lugar sagrado. Hoje, mesmo tendo essa como uma referência geral, atento para os diversos modos de saber e realizar a peregrinação, fazendo valer conceitos que vão adiante. Percebo nas movimentações dos peregrinos um parcial desvelar, no espaço, dos sentidos que eles dão à vida, envolvendo a expressão da fé, ainda que não religiosa. Nisto é reconhecido **um** caminhar associado a questões pessoais e sociais constituidoras das suas presenças no mundo – voltaremos a esta questão.

Estabelecemos, portanto, uma compreensão inicial visando relacionar as noções de **geografcidade** e peregrinação.

A edição brasileira do livro de Eric Dardel, traduzida por Werther Holzer e publicada em 2011 pela editora Perspectiva, traz em sua capa uma imagem extremamente representativa do conteúdo da obra, a qual pode ser valiosa para as intenções empregadas neste trabalho. Refiro-me a representação da pintura do artista alemão Caspar David Friedrich, de 1818, nomeada de “Caminhante sobre o Mar de Névoa” (Figura 1). Apreciada como ícone do indivíduo romântico naquele contexto, a imagem desperta a atenção uma vez que traduz a ligação poética do homem com a Terra. De imediato, associao tal aventura espacial com as práticas dos peregrinos.



Figura 1: Caminhante sobre o Mar de Névoa.

Fonte: Caspar David Friedrich, Kunsthalle Hamburgo, 1818. Disponível em: <http://dicionariodaarte.blogspot.com.br>. Acesso em: 14 set. 2016.



Reproduzindo em parte a análise sobre tal obra, interpretando-a novamente à luz da noção de geograficidade, segue uma breve releitura: há um elo entre a natureza e a natureza do homem, posto no centro da pintura; de costas, com uma postura que impressiona, o homem parece contemplar a natureza ao mesmo tempo em que está intrigado com os mistérios da Terra; tocando a rocha com os **pés** e bastão, misturado à natureza, o homem afigura-se isolado, aparentemente refletindo sobre o mundo, numa demonstração de reconstrução de si; a natureza e o(s) horizonte(s) parecem sinalizar para as escolhas e o devir como intensidade daquele ser.

Agora, observemos a Figura 2. Tentemos fazê-lo inicialmente desconsiderando as informações do título e da fonte. Salvaguardando as diferenças de pintura e cenários postos, e compreendendo a singularidade geográfica de cada uma das obras, busquemos neste primeiro momento correlacionar a releitura feita a respeito da imagem da Figura 1 com a imagem da Figura 2, objetivando transpor ou adequar a possível interpretação da primeira à segunda. Ademais, ampliando o processo de análise geográfica da imagem (NOVAES, 2011), admitamos que os homens vistos na Figura 2 sejam peregrinos e reflitamos sobre as suas práticas e experiências. Assim feito, suponho que uma série de colocações e questionamentos possa ser realizada através de um novo exame. Presumo que a análise deve levar em conta as histórias de vida daqueles homens e os seus devires em condição terrestre.

A partir da correlação sugerida acima, de posse do conhecimento empírico do registro, desenvolvo a **minha** leitura acerca da imagem da Figura 2: em peregrinação, aqueles indivíduos inscrevem as suas vidas na paisagem; com seus corpos, os peregrinos se encontram ligados a Terra, sentindo e participando da natureza; aparentemente cúmplices, a julgar pela firmeza dos passos, os peregrinos parecem

convictos da busca ensejada na caminhada; sugerindo crença religiosa, as suas peregrinações podem fundar uma **nova** vida; enquanto utopia, o horizonte sustenta a busca por um espaço sagrado; o caminhar pode então ser compreendido como um ato de sacralização. Aos pés também pode-se ler um reconhecimento elogioso, afinal de contas eles nos levam **até onde os olhos enxergam**.

Por ora, regressemos a citação de Dardel destacada páginas atrás a fim de estabelecer relações entre o conteúdo bibliográfico no registro do autor citado e a prática das peregrinações a pé. De início, tomemos a peregrinação como uma atitude geográfica, um arquétipo inteligível da vontade intrépida de correr o mundo para atingir o inacessível. Nestes termos, a energia que dá margem à inquietude geográfica do peregrino estaria ligada ao sobrenatural. A busca por um **novo** ambiente, feita com o corpo, e por meio de uma imaginação criativa, revela certa ligação do peregrino com a Terra. Trata-se de um modo de existir o qual, como horizonte de vida, interfere retroativamente nos possíveis caminhos atrelados ao seu destino.

Em complemento ao raciocínio composto acima, substituindo a palavra homem por peregrino, nos debruçemos sobre outra compreensão dardeliana:

Da Terra vêm as forças que atacam ou protegem o homem, que determinam sua existência social e seu próprio comportamento, que se misturam com sua vida orgânica e psíquica, a tal ponto que é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos (DARDEL, 2011, p.48).

Tracemos uma tradução: o peregrino tem a virtude de enxergar a Terra, carregada de mistérios, como fonte da qual ele consegue encetar benesses à sua formação humana e existência social; os espaços de peregrinação funcionam como base a partir da qual a

A geografcidade no caminhar de peregrinos
José Arilson Xavier de Souza



Figura 2: Caminhantes-peregrinos do Bonfim.

Fonte: Mauro Viana, 2016, com base nos registros de campo de SOUZA, ago., 2015.

consciência se desenvolve, compondo a experiência do peregrino em termos de pensamento, sensibilidade e crença no sagrado. Tomando para a análise uma reflexão de Rosendahl (2012, p.152, destaques no original), diríamos que o peregrino tem “a fé na esfera da interferência do **santo** na solução de seus anseios aqui na Terra”. A santidade, nesta perspectiva, consente um caráter terreno, como uma espécie de passagem da eternidade às esferas temporais viventes, aproximando-se dos fieis graças à capacidade de criação simbólica da religião e das maneiras em que se exerce a religiosidade (BRANDÃO, 1986). De tal universo, é então difícil separar o mundo físico dos fatos psíquicos tanto quanto o mundo da eternidade torna-se imanente às contingências temporais do caminhante peregrino.

Com efeito, peregrinando o homem tem uma experiência geográfica essencial. Movimentando **intencionalmente** o corpo, desenvolve uma relação íntima com a Terra enquanto lugar e paisagem, ao mesmo tempo em que se transcreve para o mundo (HOLZER, 2011). Pisando **uma Terra** adjetivada, qualitativamente ressignificada pelos impulsos de homens que apostam na fé como fio condutor de si, o peregrino reconhece **passos** de significados metafísicos. Sob tais aspectos, há muito a ser estudado a respeito dos efeitos das peregrinações na vida dos homens. Uma leitura de cunho geográfico-fenomenológico, em múltiplas escalas temporais e espaciais, se torna indispensável, mesmo porque as peregrinações não começam e nem terminam no caminho. A identidade do peregrino se constrói no espaço e no tempo presente das peregrinações, trazendo consigo espaços e tempos passados e futuros.

Cabe asseverar que os simbolismos das peregrinações parecem recomendar uma investigação sobre o que de fato representa o ato de caminhar do peregrino. Pra usar dois termos de discussão da obra de Dardel, seria interessante, antes de tudo, situar o corpo, e o

suporte material em que o peregrino se apoia, ou seja, o seu “espaço primitivo” – a casa, a cidade natal, o horizonte que lhe é familiar, de onde ele é obrigado a procurar outros cenários (HOLZER, 2011) –, para assim refletir sobre a sua “situação” – “‘espaço’ onde ele ‘se move’; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o **lugar** de sua existência” (DARDEL, 2011, p. 14, destaques no original) – como definidoras da sua **geograficidade religiosa**.

É preciso **descer** ao encontro e conhecer um pouco das narrativas de vida e saber das “situações” que fazem do homem peregrino, alguém que, por um período, deixou o seu “espaço primitivo”. Conseguir decodificar os preceitos religiosos envolvidos, e se necessário caminhar junto, é oportuno para se aproximar da inalcançável essência do fato. Apontada por Martin Heidegger (apud SARAMAGO, 2008) como a **verdade constituidora do ser**, a essência funcionaria como uma espécie de força que leva ao **agir**. **Por essência**, então, caminha-se em peregrinação, e há de considerarmos os sentidos religiosos deste projeto de vida.

CAMINHAR, E EM PEREGRINAÇÃO RELIGIOSA

"Quem caminha sabe."

Adriano Labbucci

O homem que caminha em peregrinação religiosa sabe e é um revolucionário. Ao se pôr a caminho, ele recusa a conservação da sua vida. Com os pés, **escreve** na Terra o seu modo de pensar e proceder com o mundo. Articula com o corpo e com a sua posição no cenário sociocultural, subvertendo, algumas vezes, valores e sentidos morais e éticos (TURNER, 2008). Sob tal aspecto, as narrativas de peregrinos

A geograficidade no caminhar de peregrinos
José Arilson Xavier de Souza

comumente descrevem experiências de encontros introspectivos, tendendo ao engrandecimento dos **saberes sobre si**.

Existem laços sensíveis do peregrino com o espaço pelo qual transcorre a sua peregrinação, a tal ponto que ele caminha para tornar a vida mais significativa. Projetando-se numa condição usual da fé, instituindo por vezes laços contratuais com a santidade, o peregrino imagina estabelecer contato com **outros mundos** e, simbolicamente, o faz **sem tirar os pés do chão** – refiro-me à ideia de que a vida terrena não deixa de ser referência e condição. Das experiências humanas com o espaço, é conveniente notar que há uma base geográfica no caminhar dos peregrinos, base a qual é também poética e filosófica.

No pequeno ensaio “*On Walking*”, de Yi-Fu Tuan (2012), aprendemos que o caminhar é uma prática vivida e interpretada de diversas maneiras, apresentando variações conforme a época e fase de vida, grupo cultural e contexto político-social. É lembrado que caminhar faz parte da existência e da realização humana. As razões para caminhar são múltiplas. O pensar é discutido como um dos seus desdobramentos. Sobre as caminhadas religiosas, Tuan (2012, p.2) assim se coloca: “para o devoto verdadeiro, o caminhar não apenas desobstrui o pensamento, mas também os fluidos corporais, promovendo, desta maneira, o bem-estar físico”.

Em vista do que é apontado, argumento que é entre a desobstrução do físico e da mente que o peregrino segue e consegue caminhar. Reproduzindo dado imaginário religioso-popular católico: o cansaço é suportado porque o **santo** de devoção parece enviar uma força que **não se sabe de onde vem**.

Percebo o ato de caminhar em peregrinação, e não o caminho *per si*, como uma manifestação cultural, fonte discursiva de vida que apresenta espacialidades peculiares. Entendo que a **real** geograficidade do caminhar só é alcançada pelo próprio caminhante. Na ciência, o que

fazemos são interpretações. O caminho está, mas não se faz acabado. Ele é experimentado e significado subjetivamente; está na escala do indivíduo e vai além. O peregrino religioso admite um caminhar e um caminho que envolve diretamente codificações sagradas de sua criação.

Chegamos assim aos **passos** e **versos** concernentes às histórias e **geografias** de vida de peregrinos escutados na Romaria do Senhor do Bonfim, já citada, que ocorre mais especificamente no povoado do Bonfim, localizado a cerca de 220 km da capital tocaninense, Palmas. Tomando por base os depoimentos de três peregrinos, aqui não sendo usados diretamente, busco enfatizar na forma de textos autorias práticas que ofereceram elementos singulares em termos de sentidos e gestos do **fazer a peregrinação**.

Não deixando de reconhecer a importância das informações quantificáveis na tentativa de contextualizá-las em relação a um conjunto de reflexões que procura valorizar os simbolismos espaciais condensados no ato de peregrinar, admito que me detive mais sobre a qualificação das práticas religiosas dos peregrinos. Considerando que nesses casos a distância não pode ser avaliada somente pelos números, e sim, também, pelo desejo de caminhar em busca do sagrado, a profundidade da riqueza das narrativas de vida me interessou muito mais do que o desejo de saber quantas vezes se concretizou a peregrinação, o quanto de bens se imaginou conseguir com a realização, ou o total de quilômetros percorridos.

Os textos que se seguem, os quais também são chamados de “Escritos”, podem ser lidos por um viés poético e são resultados de outro mecanismo de interpretação das práticas e sentidos espaciais engendrados por meio das emoções de cada uma das experiências averiguadas. Adianto, porém, que estes textos não se pretendem

A geograficidade no caminhar de peregrinos
José Arilson Xavier de Souza

enquanto crítica poética. Permeados de saberes não objetivos, a minha ideia foi a de estimular o pensamento e a imaginação.

Utilizo o termo Escrito porque estes textos começaram a ser rascunhados=ainda durante as minhas atividades de campo, logo após ter encontrado e escutado os peregrinos a caminho do **Bonfim**. Pensando à luz das **geograficidades** daquelas práticas, é como se algumas palavras e pequenas frases insistissem em figurar nos meus pensamentos, gerando a necessidade de pô-las no papel. Nesse processo, a partir dos rascunhos, refletindo mais vezes sobre a **essência** das práticas religiosas desveladas, por fim, me permiti fazer pequenos rearranjos na sequência das palavras e frases ajuntadas em busca de um sentido para dizer algo. “Orar com o corpo”, um livro de Brandão (2005), me serviu de inspiração para tal exercício de escrita.

ESCRITOS SOBRE O CAMINHAR DE PEREGRINOS DO BONFIM-TO

Não pretendo dissecar os Escritos tentando explicá-los de modo integral, pois se assim tentasse fazer poderia comprometer outras leituras acerca das suas mensagens. Após apresentar cada um deles, além de tecer outras interpretações a respeito das **narrativas peregrinas** em questão, o que faço são breves contextualizações dos cenários encontrados e das situações provocadas a partir das minhas abordagens aos religiosos. Baseio minhas reflexões nos preceitos religiosos em vista das nuances espaciais dos casos retratados, entendendo que “nossas mobilidades criam espaços e histórias – histórias espaciais” (CRESSWELL; MERRIMAN 2011, p.5).

Antes, mais algumas palavras sobre a Romaria do Bonfim: acontece numa zona rural, área de cerrado, durante o mês de agosto, período no qual as altas temperaturas predominam no Estado do Tocantins.

Como o próprio nome indica, tem como maior divindade de devoção Nosso Senhor do Bonfim. Enquanto uma típica festa religiosa católica de interior, o seu espaço apresenta-se como um universo sociocultural de forte apelo sagrado e profano. Datada do século XIX, fundamentada sob a noção mítica do encontro de uma imagem do Senhor do Bonfim por um vaqueiro, é potencialmente conhecida pela expressão das peregrinações a pé. Eis ali uma prática transmitida entre gerações. Nesta Romaria as mobilidades também criam espaços e histórias espaciais. Foi lá que me deparei, fruto de tal contexto espaço-religioso, com o:

O Zé que caminha

Na minha
Pouca instrução, mestre na direção
Rezar para bem chegar, não só para cá

Belo estado liminar
Coração pulsar e pensar
FORMA de um extraordinário iluminar

Reprovado, esperando que Bonfim aprove a provação
Caminho por ora deixa de pesar
SIGNIFICADO ali

FUNÇÃO migrar e habilitado se encontrar
Bem rezar
Retornar para não mais encontrar o **Lugar**
Avaliar o que representara a **Paisagem** rasgar
Não ser da **Região**
Paro ano, se Deus quiser voltar

Exortar
Bocadinho de fé para manter-se em pé
Pisar, a pele marcar, para o volante guiar

Sou só mais um (o) Zé que caminha.

A geograficidade no caminhar de peregrinos
José Arilson Xavier de Souza

Era agosto de 2013 quando encontrei o Zé caminhando (Figura 3) – não, o seu nome não era José [...] Sozinho, aquele peregrino se dizia excelente motorista e sonhava se tornar habilitado para dirigir **tranquilo**. Reprovado por algumas vezes no teste, semianalfabeto, depositava no Senhor do Bonfim a esperança de que em breve conseguiria a tal autorização. Caminhava, portanto, de modo antecipado ao alcance do que desejava. A sua ascese tinha um tom de pedido. Típico **rezador de estrada**, um peregrino que caminhava em oração, ele se dizia sempre disposto a deixar seu lar em nome do que buscava.

O Zé era um daqueles peregrinos que renovava a sua fé constantemente e já pensava em voltar ao centro de peregrinação no ano seguinte, e, no caso, aprovado ou não no novo teste que faria em breve. Interpretando as condutas e os relatos



Figura 3: Zé, o peregrino.
Fonte: SOUZA, ago., 2013.

do religioso, incorporados acima no formato de poesia: parecia que o religioso acreditava que a repetição anual da sua peregrinação desempenhasse de algum modo comoção ao **Senhor do Bonfim**. É como se o seu sacrifício de caminhar viesse a iluminar a aprovação. A **forma** de sua peregrinação estava relacionada a esse significado e função, sendo possível afirmar que o seu caminhar dialogava com o mundo.

Se dizendo conhecedor dos milagres do **Senhor do Bonfim**, Manoel, o peregrino em referência, se via somente como mais um sujeito de fé – “mais um Zé”, como me dissera – que caminhava por aquelas estradas, dando conta da grande demanda que a divindade teria para atender. Carregando uma bolsa sobre a cabeça, uma garrafa térmica contendo água na mão direita e um colchonete fixado nas costas, ele partiu, e nunca mais o encontrei.

No campo, eu também precisava seguir. Então, no ano seguinte, pude testemunhar que na Romaria do Bonfim:

Por amor, ateu também peregrina

Ver não me bastaria
Precisei ou Vir para crer
ateu também **sabe peregrinar**
A filha
Leucemia – a peste
Promesseiras – mãe e tia
Voto – Palmas-Bonfim

A geograficidade no caminhar de peregrinos

José Arilson Xavier de Souza

O pai
Declarado ateu pagador de promessa
Vento chamado amor, do corpo impulsionador
Não serviu hospitais rodar... Palmas, Goiânia e Brasília
Bonfim e a cura, doença demonizar
Fazer peregrinar

No caminho, no caminhar

O pai peregrino e o peregrino amigo
Quem é quem?
Feito criança brincar, tenta adivinhar
Felizes, ambos puseram a sola do pé gastar
Entre (P)almas e solas, força desmedida soprar
No inverso, RomA para peregrino atuar

Pouco importa se isso é geografia
Vale o **significado da geografia do lugar**

Muita tioria, pouco enxergar
Depois de intrigado, amor de mãe pra interpretar
Palmas pra ateu que ao caminhar se põe a amar

Por amor, ouVI ateu peregrinar
Espaços de amor e peregrinação.

Esse testemunho de peregrino me marcou consideravelmente. Isso mesmo, o pesquisador também é ser humano [...] Dificilmente a alteridade me falharia naquela situação. Longe de casa, era quase final de tarde, com o sol já embelezando o ambiente, quando encontrei dois amigos em peregrinação (Figura 4). Eles teriam dias para caminhar, diferente da peregrinação do Zé, realizada em algumas horas.

Ali estavam dois seres humanos e uma razão para caminhar em peregrinação: agradecer pela cura de uma doença no sangue da filha de um deles. O pai, de incomum particularidade, um declarado ateu agradecido ao Senhor do Bonfim. Depois de já ter gasto parte de suas reservas financeiras na tentativa de livrar a filha de tal enfermidade,

não obtendo resultado satisfatório, o genitor teria embarcado na promessa da sua esposa e da sua irmã. Com a reabilitação da filha, a peregrinação de Palmas ao povoado do Bonfim se tornaria uma realização para alguns anos, e, intrinsecamente, tinha configurações de um ritual de celebração da vida. No primeiro momento aquilo me parecia uma contradição. Como pode um ateu pagar promessa? Demorei a avaliar que por amor ateu também se põe a peregrinar.

No esforço de me falar sobre aquele seu fazer, a emoção tomou conta daquele pai. Supus que a imagem da filha não lhe saía da mente. As suas lágrimas, que eu não sei se tocaram o chão, me diziam que aquela **geografia** era diferente das construídas no dia-a-dia. O tempo experienciado também não era o comum. As suas palavras, inexoravelmente, só ratificavam a firmeza de quem sabia o porquê era importante por aquelas terras caminhar.

Depreende-se, então, que o estudo dos espaços de peregrinação não pode desconsiderar os sentimentos dos peregrinos, sejam esses pronunciados ou demonstrados por meio de outros gestos. Podemos pensar como Bhardwaj (1997), que entende a peregrinação como uma experiência espacial do sentimento. O amor é um dos sentimentos cuja espessura ocupa a estrutura espaço-temporal do real, como uma espécie de expressão afetiva partilhada, sintomática do poder da vida em movimento. São os sentidos dados à vida que ligam o homem a essa qualificação de espaço, mesmo quando ele se diz um não religioso, como vimos.

Abrindo um parêntese na reflexão, me posiciono favoravelmente à ideia de que a prática daquele pai era uma prática religiosa, haja vista que a sua fundamentação discursiva-afetiva seguia preceitos que continham tal caráter.

O campo é de fato impressionante, e no Bonfim, em seus anseios de vida, para peregrinar, de corpo e alma:



Figura 4: Amigos em peregrinação, um ateu.
Fonte: SOUZA, ago., 2014.

O caminho provação e prazer aos sentidos
Pertinente caminhar

Dia para caminhar, logo parar, amanhã continuar
Casa voltar, amanhã deixar
Tempo de uma Romaria para peregrinar e os pés inchar
Árvore, volta na estrada, estação da via sacra para marcar

Gramática da peregrinação:

Repartir o caminho em nome do essencial

Partir-ReTornar

Re-partir para propagar [...]

Re-partir para alavancar [...]

Re-partir para amenizar [...]

a esperança

a fé

o fardo

Quem re-parto no "bom fim" com o corpo faz arte
Com os pés o sagrado do espaço re-tocar.

Peregrino que é Peregrino reparte até o caminho

Dona menina de oitenta e poucos
Viajante do Bonfim de muitos anos
Força de Peregrina com "p" maiúsculo
Tanta força que chega a repartir o caminho

Pernas travadas, os pés passaram a fazer o caminho em dias
"Meu filho, pressa pra quê?"
O importante é chegar!

Caminho de algumas horas em outrora
O corpo já não desliza pelo tapete preto
Com esmero, ritual de ser no espaço

Dona Maria, a peregrina da frente na Figura 5, ainda era uma menina quando a sua relação com os caminhos do Bonfim começou. De lá para cá, ano 2015, já se foram mais de seis décadas de experiência como peregrina, sempre perfazendo o mesmo percurso. Do alto dos seus 83 anos, aquela senhora, já com o corpo limitado e constrangido pelas exigências insondáveis do tempo vivido, ensinava para um observador mais atento, por meio do seu modo de peregrinar, que na vida quando não se pode fazer tudo de uma só vez é possível repartir para bem chegar.

A geograficidade no caminhar de peregrinos
José Arilson Xavier de Souza

Caminho que antes a peregrina **fazia** em poucas horas, naquela ocasião a contagem era outra: do dia 5 ao dia 15 de agosto – intervalo de tempo da Romaria. Com uma voz serena, ela se dizia profundamente satisfeita em estar ali, caminhando. As suas palavras me pareciam prenes do sentimento de resistência: o seu projeto era o de continuar com aquela prática de vida até quando lhe fosse permitido andar. Naquele contexto, e estrategicamente, o filho lhe levava de carro para casa ao final de cada caminhada diária. No dia seguinte retornava e retomava a peregrinação de onde havia parado. Assim seguiu até chegar ao santuário do Bonfim.

Do caso sob apreciação, e naquela paisagem, se expunha uma linguagem corporal de comprometimento humano esplendoroso. A interpretação geral que engendro é a de que peregrinar ainda era essencial para aquele ser humano que, ao partir de casa e repartir o caminho, estava fazendo arte, poesia que me fez enxergar no asfalto um grande tapete preto pelo qual a religiosa caminhava à lateral. Impondo-se em atitudes como essa, as peregrinações só reforçam o caráter sagrado do espaço, instigando outros a caminhar.

Tendo qualificado determinados significados para as experiências espaciais retratadas acima, usando de **palavras**



Figura 5: A dona Maria peregrina.
Fonte: SOUZA, ago., 2015.

A geograficidade no caminhar de peregrinos
José Arilson Xavier de Souza

e **imagens** que se formavam quando me pus a refletir sobre os depoimentos supracitados – não é demais lembrar que as palavras trazem consigo imagens e significados, constituindo um conjunto linguístico (CASSIRER, 2001; MAFFESOLI, 2010.) –, a minha intenção com os Escritos não foi a de fazer um trabalho de convencimento a respeito da **geograficidade** enquanto constituinte das peregrinações a pé, embora veja possibilidades, inclusive teóricas, como foi sugerido.

Mais do que isso, certo de que outras experiências das quais tive conhecimento poderiam compor este trabalho, senão todas, o que quis foi compor versos e reflexões sobre a existência terrena de peregrinos que caminhavam sustentados por ideários religiosos, redesenhando a **geografia** de suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As peregrinações a pé exprimem uma geograficidade extraordinária, representando um caso paradigmático de experimentação do espaço por vias do corpo. A prática de peregrinação contribui decisivamente para proporcionar animação à vida e a Terra como base habitada. A saber, para Dardel, traduzido pela noção de geograficidade, enquanto realidade geográfica, habitar a Terra como lugar e paisagem abrange aspectos míticos e interpretações proféticas, o que pode ser relacionado com a composição religiosa da humanidade ao longo dos tempos.

Caminhar em peregrinação representa para o homem, a um só tempo, ato geográfico de reafirmação da sua condição terrena, podendo levá-lo à transcendência, e reflexo da sua situação sociocultural, permitindo-lhe uma espécie de **afastamento** da vida comum. Ao movimentar-se pelos espaços de peregrinação, o peregrino tem a oportunidade de **ser**. Esta experiência momentânea de caminhante tende a reverberar sobre a sua existência, tendo sido pensada tempos atrás, revelando

quase sempre motivações distintas. Caminhando, o peregrino pode se pôr a repensar a vida, feito um exercício de recomposição e recriação de si, como afirmava fazer em suas caminhadas Jean-Jacques Rousseau (GROS, 2010).

Por esta ótica, o peregrino é considerado como autor de sua própria obra-vida. As narrativas apontam que no geral os peregrinos se mostram realizados caminhando, o que revela existências espaciais e humanas primordiais. Levemos em consideração, pois, que de acordo com Dardel, a experiência do homem com o espaço envolve uma consciência estética, e se tomamos como referência o homem peregrino essa é também uma verdade. Uma possível poética da peregrinação deverá considerar a inteligência com a qual o homem trama relações entre a sua existência, os espaços de peregrinação e a Terra. A relação com o sagrado, neste sentido, exprime uma sensibilidade geográfica com a natureza e as suas formas, lida por uma “poética da Relação” (COLLOT, 2013). Os modos de pensar e fazer a peregrinação devem ser correlacionados com a cultura vívida, sendo admitida uma espécie de força que lhe faz **dar passos à frente** a fim de se construir outras realidades e refazer a vida.

Caminhar em peregrinação religiosa diz de uma ação humana, acordada também com as santidades, com perspectivas espaciais que vão desde a escala do cotidiano até escalas exclusivamente imaginadas. Graças **aos pés**, os espaços de peregrinação se materializam, são sacralizados, experienciados, e dão curso a uma **geografia** testemunha da fé. Vidas se entrelaçam no transcorrer das peregrinações religiosas, incluindo a de pessoas que estão fisicamente longe dali. Os corpos em peregrinação inspiram leituras poéticas sobre a dimensão espacial de tais existências humanas. Por suas vezes, os Escritos, tentando escapar de objetivações, sugerem, antes de tudo, gestos, movimentos e emoções que compõem a vida.

A geograficidade no caminhar de peregrinos
José Arilson Xavier de Souza

Para finalizar, sigamos: persistentes como o Zé, amorosos que nem o ateu peregrino e resistentes tal como a dona Maria para chegarmos a novos patamares de inteligibilidade nos estudos sobre peregrinação. Mais especificamente no que concerne às pesquisas em geografia, feito **peregrinação intelectual**, que a persistência, o amor e a resistência nos façam avançar como que numa **caminhada científica**. ☉

REFERÊNCIAS

- BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011. p.111-139.
- BHARDWAJ, Surinder M. Geography and Pilgrimage: A Review. In: STODDARD, R.; MORINIS, A. (Orgs.). **Sacred Places, Sacred Spaces** – The Geography of Pilgrimage. Baton Rouge: Louisiana State University, 1997. p.1-23.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo**: Um Estudo sobre a Religião Popular. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Orar com o corpo**. Campinas: Verus, 2005.
- CASSIRER, Ernst. **Filosofia das formas simbólicas I**: a linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CLAVAL, Paul. **Terra dos homens**: a geografia. Trad. Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.
- COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.
- CRESSWELL, Tim; MERRIMAN, Peter (Ed.). **Geographies of mobilities**: practices, spaces, subjects. Farnham: Ashgate Publishing, 2011.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: a natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2010.
- HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011. p.141-153.
- LABBUCCI, Adriano. **Caminhar, uma revolução**. Trad. Sérgio Maduro. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2013.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- NOVAES, André Reyes. Por uma Geografia Visual? Contribuições para o Estudo do uso das Imagens na Difusão do Conhecimento Geográfico. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n.30, p.6-22, Jul./Dez., 2011.
- ROSENDAHL, Zeny. **Primeiro a obrigação, depois a devoção**: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- SARAMAGO, Ligia. **Topologia do ser**: lugar, espaço e linguagem em Martin Heidegger. Rio de Janeiro: Loyola; PUC-Rio, 2008.
- SOUZA, José Arilson Xavier de. **Espaços de peregrinação**: ver e sentir o sagrado na Romaria de Nosso Senhor do Bonfim – TO. 2017. 229 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.
- TUAN, Yi-Fu. **On Walking**. 2012. Disponível em: <<http://www.yifutuan.org/archive/2012/2012onwalking.htm/>>. Acesso: 01 set. 2016.
- TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas**: Ação simbólica na sociedade humana. Niterói: EdUFF, 2008.

Submetido em Março de 2017.
Revidado em Outubro de 2017.
Aceito em Dezembro de 2017.